

## Eduardo Campos: Marcos da Trajetória do Escritor

P. S. Narimanian

No estudo "Evolução e natureza do conto cearense", publicado na Revista CLÁ (1951/52) e reproduzido em *Uma Antologia do Conto Cearense* (IUC, 1965), o grande crítico Braga Montenegro assim definia a múltipla atuação literária do terceiro escritor, por ordem alfabética, integrante dessa coletânea:

*Estreando-se no conto, Eduardo Campos publicou três livros no gênero: Águas Mortas (1943), Face Iluminada (1946) e Viagem Definitiva (1949). É autor também de algumas peças de teatro, duas das quais, O Mônio e a Rosa (1948) e O Anjo (1950). De outros livros, Medicina Popular (1951) e o Folclore do Nordeste. Na ficção, o autor tentaria ainda o romance, O Conto das Mortos, não porém com absoluto sucesso.*

### 1ª Parte

#### Estudos

No desempenho da função de coordenador na referida Antologia, dos livros de contos de Eduardo Campos, o renomado crítico Braga Montenegro decidiu pela seleção de *Jamília Pe-Torto*, obviamente por considerar a melhor das narrativas do gênero, até então editadas pelo seu confrade do Grupo CLÁ.

Dispondo do livro *Face Iluminada* (Edições CLÁ, 1946), para a análise formal e conteudística que pretendia realizar, foi *O Abutre* que me pareceu a mais indicada tessitura ficcional para o referido objetivo. Concluída a "Leitura crítica de um conto de Eduardo Campos", em 1971 fiz pequena tiragem xerografada, distribuindo-a a alguns críticos nacionais e até a universidades estrangeiras.

Quando essas remessas aconteceram, o cubano Antonio García-Paz integrava o Department of Spanish and Portuguese, da University of Minnesota, USA. E, chegadas às suas mãos a minha Leitura crítica e uma cópia de *O Abutre*, esse mestre de

## A Conferência de Filgueiras Lima sobre José de Alencar

Juarez Leitão  
(Titular da Cadeira 19)

No auditório repleto de intelectuais e figuras expressivas da sociedade paulista, um poeta cearense fala de sua terra e de José de Alencar. É um homem encantador e convincente. Fala pausadamente e com pronúncia perfeita: "Alencar, com seu estilo mágico, ensinou o Brasil a escrever." E a assistência vê crescer diante de si o vulto do indianista, considerado o Pai do Romance Brasileiro, com as pinceladas fortes do conterrâneo, cuja defesa parece ultrapassar tudo o que já se disse ou se escreveu a respeito do criador de *O Guarani*. O orador é interrompido por aplausos. Está conquistando a todos com sua vibração. Intercala o discurso com citações poéticas. Declama. Faz referências à fortuna crítica acumulada sobre José de Alencar.

Estamos em novembro de 1939. Chove torrencialmente em São Paulo. Apesar disso, a afluência ao auditório do jornal *Gazeta* não foi abalada. Na tribuna, um cearense discorre sobre outro a quem considera o maior dos cearenses.

Filgueiras Lima é um homem de 30 anos. Bem apessoado, cabelos lisos, penteados para trás, terno escuro de talhe perfeito. Está em plena ascensão intelectual em sua terra. Seu livro *Festa de Ritmos*, publicado em 1932, além do sucesso local, extravasou os limites da província e foi notícia nacional quando recebeu Menção Honrosa da Academia Brasileira de Letras.

Quando o jornalista Cásper Líbero dirigiu convite ao governo do Ceará para que enviasse um representante a São Paulo para fazer parte da série de conferências culturais que marcaria a inauguração das novas instalações do jornal *Gazeta*, o interventor Menezes Pimentel indicara Filgueiras Lima. Todos gostaram da escolha. O professor é uma personalidade cordial e tem a simpatia de seu meio.

Agora está ali, no pleno fascínio de sua locução. Vê no auditório o efeito agradável das palavras que pronuncia. Empolga-se, dá ênfase às metáforas da experiente retórica, amiudadamente exercitada no magistério e nas entidades culturais do Ceará.

De algum modo previra a resposta que São Paulo daria à sua conferência. Teve, porém, as expectativas superadas: o efeito ultrapassou a previsão. "Faltaria à verdade – confessaria depois à imprensa do Ceará – se dissesse apenas que a recepção de S. Paulo correspondeu, porque em verdade minha expectativa foi excedida."

Após o preâmbulo em que apresentava *Iracema* como o livro-emblema do Ceará, foi mostrando a figura de seu autor sob diversos prismas, tais como: Alencar e a Língua Portuguesa; Alencar e o Indianismo; O Estilo de Alencar; O Político e o Patriota; Alencar e sua Terra... concluindo por aplaudir S. Paulo pela iniciativa de congregar os intelectuais do Brasil "nesta grande hora de unificação espiritual da Pátria." Alimentava no desfecho da alocução o orgulho paulista: "Aqui estão as raízes da Pátria! Foi sob estes céus amplos e gasalhosos que o Brasil sentiu correr-lhe no sangue os primeiros arrepios de liberdade!"

A Rádio Record, uma das mais importantes emissoras da época, cobriu o acontecimento, transmitindo na íntegra as palavras de Filgueiras Lima.

A repercussão foi imediata. Quinze minutos após haver falado, recebe no próprio jornal um chamado ao telefone: era o poeta Olegário Mariano que, do Rio de Janeiro, cumprimentava o confrade cearense que acabava de ouvir de sua residência em Copacabana.

Numerosos telegramas, cartões, telefonemas e visitas receberia o poeta cearense a partir do dia seguinte. Entretanto, uma congratulação marcaria de modo especial aquela seqüência esfuizante de emoções: as filhas de José de Alencar, Adélia, Ceci e Clarisse, enviaram cartões de cumprimentos e gratidão pelo trabalho do poeta cearense em favor da memória do ilustrado pai.

Filgueiras Lima voltaria pelo Rio de Janeiro e ali procurou conhecer de perto os descendentes de Alencar: as três filhas e a nora, D. Helena, viúva do escritor Mário de Alencar. A família lhe dispensou as maiores atenções, confiando-lhe o arquivo pessoal

do romancista para que consultasse à vontade e copiasse o que lhe conviesse.

Naquela noite Filgueiras Lima vivera um dos mais expressivos momentos de sua vida. Sentia-se bem e exuberantemente realizado. Era uma felicidade legítima, calorosa, aconchegante.

Repunha os pormenores do evento, ajudado por D. Amazônia, a esposa que o acompanhava em sua missão. Lembrava a comunicação do Dr. Pimentel: "Filgueiras, você será o nosso homem em S. Paulo! Vá lá e mostre àqueles paulistas que a inteligência tem continuidade no Ceará. Vá como jangadeiro e volte como almirante!"

Saiu do Palácio da Luz já vivendo um momento de transcendência. Andou pelas livrarias do centro da cidade procurando algumas fontes complementares, porque a bibliografia básica de Alencar e sobre Alencar, tinha em casa. Começava naquele instante a gestar sua conferência, mas sabia que não começaria a escrever de imediato. Esperaria que a carga emocional crescesse até possuí-lo completamente. Então, as palavras saíam de seu encantamento, frenéticas, mornas, reverberatórias.

A cada dia tomava consciência da magnitude do ato, do congresso paulista, onde cada estado da Federação, através de seus principais literatos, se apresentaria com suas melhores referências culturais, com seus símbolos sagrados da criação literária.

Naquela noite dormiu tarde, confabulando longamente com a esposa, ela também tomada de emoção diante do brilho nacional de seu companheiro. Já o vira feliz tantas vezes. Já presenciara o triunfo dos aplausos conterrâneos a cada discurso, a cada participação nas solenidades da capital cearense. Nunca, porém, o sentira tão feliz, tão vasto, como se fosse a própria terra que representava. Sim, não havia dúvida. Aquele pequeno homem que estava ao seu lado, seu amado, era o próprio Ceará.